

Globethics Repository



O PASSADO DA NATUREZA HUMANA

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Dall' Agnol, Darlei
Publisher	Universidade Federal de Santa Catarina
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-23 08:52:30
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/173046

O PASSADO DA NATUREZA HUMANA?

Darlei Dall' Agnol
(UFSC/CNPq)

A discussão de Habermas sobre os efeitos da biotecnologia aplicada à reprodução humana já foi por mim avaliada e algumas de suas posições devidamente recusadas (2004, p. 105-110). Basicamente, sustentei que no livro *O futuro da natureza humana*, publicado em 2001, Habermas não apresenta argumentos válidos para mostrar a necessidade de coibir juridicamente as práticas reprodutivas viabilizáveis pela biotecnologia, especialmente a eugenia positiva e a clonagem reprodutiva. Retomo agora esse tema, pois, posteriormente, Habermas publicou um Posfácio onde reitera suas posições anteriores. Além disso, apesar de seus argumentos terem sido rejeitados por muitos (por exemplo, Galletti) continua sendo aceito por outros (Codignola). Pretendo mostrar que, definitivamente, a posição de Habermas é equivocada por pressupor uma determinação da programação genética (natural) negligenciando fatores que são eminentemente do domínio fenótipo (criação) e, principalmente, ignorando que o genoma humano depende de fatores ambientais. Nesse sentido, não há natureza humana sem criação. Além disso, vou sugerir que uma discussão sobre os limites de uma eugenia liberal deve ser feita levando em consideração o princípio de justiça material.

As principais idéias de Habermas podem ser sintetizadas desse modo: i) a intervenção biotecnológica através de procedimentos artificiais de reprodução (por exemplo, na fertilização in vitro) instrumentaliza o futuro ser humano (no DPGI – Diagnóstico Genético de Pré-Implantação – seria possível selecionar o melhor embrião), pois programa o indivíduo de tal forma que se rompe a simetria entre agentes livres e iguais que comunicativamente submetem-se a uma moral do respeito que se mantém preservada no processo reprodutivo natural; ii) tal interferência confere um poder tão grande ao designer (aos pais) que afeta a nossa própria compreensão moral da espécie humana; iii) esses procedimentos devem ser proibidos se levarem a uma eugenia positiva; iv) os avanços biotecnológicos precisam ser regulados pelo Estado constitucional e, portanto, é necessário moralizar a natureza humana, isto é, criar regras para impedir desenvolvimentos indesejáveis; v) portanto, a eugenia liberal, isto é, a possibilidade de cada indivíduo projetar a sua prole através da biotecnologia deve ser recusada como projeto político.

Apesar de concordar com Habermas em relação aos itens ii), iv) e v) (por exemplo, nossa auto-compreensão moral da espécie está realmente sendo afetada principalmente hoje quando se fala até da introdução de cromossomos artificiais, de um cromossomo 47, que poderia teoricamente formar uma nova espécie, um ser pós-humano) argumentarei que qualquer que seja a técnica de reprodução biotecnológica ela não afeta necessariamente, ou por princípio, a personalidade do novo ser e, principalmente, não determina seu plano de vida. Em outros termos, não se pode sustentar que diante de um clonado ou de um indivíduo enriquecido geneticamente, teríamos uma mera cópia, um mero produto determinado biologicamente. Cada pessoa, além de suas características genéticas (nature), é

fruto de um processo criador (nurture), educativo, formador do caráter, ampliador de potencialidades inatas, socializador e atribuidor de direitos e deveres. Além disso, mesmo aquilo que Habermas no Posfácio pensa ser geneticamente programável, a saber, uma vocação para a matemática ou para a música ou para os esportes de alto nível (cf., op. cit p.112), depende, em muito, do fenótipo para um adequado desenvolvimento e, principalmente, de uma decisão pessoal de querer ser músico ou não.

O equívoco de Habermas não é difícil de detectar. Contra a sua posição, meu argumento agora é esse: perguntemos, um projeto de vida é programável geneticamente? Mas atenção: não estamos falando meramente de habilidade potenciais, sejam físicas, psíquicas ou mentais, por exemplo, de ter uma certa massa muscular saudável ou certo grau de inteligência, mas de um projeto de vida (o termo utilizado por Habermas em alemão é *Lebensplan*). Para tomar o exemplo do próprio Habermas: pode-se programar biotecnologicamente um músico desde o estágio embrionário? Penso que a resposta é “não”. Ora, qualquer que seja o indivíduo humano, ele é o resultado complexo da interação entre fatores genéticos e ambientais de tal forma que, mesmo sendo possível manipular geneticamente as habilidades necessárias para alguém ser músico, o “talento” não se desenvolveria sem os estímulos ambientais adequados forjados desde os primeiros anos de vida: crescer num ambiente familiar ouvindo música, freqüentar uma boa escola, ter um(a) professor(a) incentivador(a), praticar rotineiramente, ser incentivado por uma platéia através de aplausos etc.¹ E esses fatores estão sujeitos a contingências. Portanto, se não é possível programar geneticamente um plano de vida, quem fará as escolhas constitutivas será o próprio indivíduo geneticamente enriquecido. Ele poderá ou não seguir a carreira musical. Assim, ele participará da construção da sua própria identidade sendo responsável pelas suas escolhas. Ele será o sujeito de suas próprias ações e o único imputável pelas suas conseqüências.

Habermas objetaria que, mesmo se esse fosse o caso, nesse processo todo ele teria perdido a chance de ser um bom jogador de futebol e que isso é irreversível. Bem, primeiro não é muito claro que a engenharia genética possa apenas melhorar algumas qualidades físicas ou algumas capacidades mentais. Estamos falando de algo ainda apenas possível, não fático. Mas por que não seria desejável um melhoramento completo? Segundo, as influências paternas são feitas atualmente e me parece óbvio que é apenas uma questão de grau, não realmente de tipo, o que a engenharia genética poderá fazer, pois se alguém é hoje educado para ser músico, dos 3 aos 18 anos, será difícil tornar-se um bom jogador posteriormente. Por conseguinte, não há rompimento de simetria entre agentes (pais e filhos) ou problemas de imputabilidade.

O principal problema da argumentação de Habermas, como ele próprio reconhece, é desconhecer os principais avanços na bioética. Mais do que isso, suas idéias vão contra as últimas descobertas da genética do comportamento. Sabe-se, hoje, que a antiga dicotomia natureza versus criação é falsa. Na verdade, elas complementam-se e cada ser vivo é resultado da interação entre a sua carga genética e os fatores ambientais. Mais do que isso, as diferentes características humanas apresentam diferentes índices de herdabilidade.² Por exemplo, a herdabilidade da altura é 90% e o restante depende de fatores ambientais, digamos, da alimentação. As características que Habermas cita, por exemplo, aptidões para a música ou a matemática (aliás, acho que ele desconhece também que a linguagem da

música é matemática) podem possuir uma alta herdabilidade, mas certamente dependem também do fenótipo. Além disso, sabe-se que essa taxa varia de sociedade para sociedade. Por exemplo, a herdabilidade da obesidade é alta nas sociedades ocidentais onde há abundância de comida (em torno de 60%), mas se retirarmos um indivíduo que possui um gêmeo idêntico (não apenas um gêmeo fraterno) e o deixarmos crescer nas regiões da África subsaariana, obviamente ele terá um corpo diferente de seu irmão. Pace Habermas, devemos perguntar: qual é a taxa de herdabilidade de um plano de vida? Qualquer que seja o índice, mostrará que pouco depende da genética e muito do meio ambiente: da criação, da educação.

Aqueles que tentam salvar as idéias de Habermas pensam diferentemente. Por exemplo, Codignola, que aceita todas as teses de Habermas, também sustenta que há uma relação assimétrica entre criador e criatura quando deixamos a geração natural para utilizar a produção artificial como forma de reprodução. Sua dramatização das implicações pessoais de alguém geneticamente enriquecido são habermasianas no espírito. Cito: “eu (Codignola colocando-se no lugar de um indivíduo enriquecido geneticamente) nunca me sentiria completamente eu próprio como detentor de meu ego, nem conceberia a mim mesmo como o autor real de minhas ações, quando eu soubesse que a base última de tudo está fundamentada no produto da ação de uma outra pessoa. Esta ‘escolha’ vista como um ato de liberdade afastando-me do destino me deixa, na verdade, a mercê de um tipo de escravidão irreversível, um tipo de expropriação; cada momento de minha vida vou estar consciente de que o meu ser assim ou o agir de um certo modo é tal porque alguém quis que as coisas fossem desse modo.” (Codignola, 2004, p.104) Obviamente, esse só seria o caso se o indivíduo geneticamente enriquecido fosse programável de forma completa. Não passaria de uma marionete. Todavia, mesmo que melhoramos a massa muscular de um futuro ser humano, ou seus dons intelectuais, nem um nem outro estarão imunes a influências ambientais. A taxa de herdabilidade do primeiro é, aproximadamente, 80% e do segundo 60%. Em outros termos, não existe um gene que ativado gera um músico completo. Aliás, um gene é muito mais uma receita para produzir proteínas do que um programa fechado. Além disso, ele próprio é aberto às influências do meio ambiente, ou seja, flexível e não determinado³. Portanto, basta que, assim que um novo indivíduo nascer ele seja estimulado para ser um agente autônomo que acabará por exercer as suas escolhas e constituir um plano de vida próprio. Contra Habermas, é preciso dizer que não há determinação ontológica através dos processos de reprodução artificiais.⁴

Como podemos perceber, se um indivíduo geneticamente enriquecido continua sendo o responsável pela construção de sua identidade pessoal, então não há quebra de simetria e ele deve continuar respeitando seus genitores, tanto quanto estes, àquele. A conclusão não pode ser outra senão a de que Habermas não apresenta um argumento convincente contra a eugenia positiva que pode, entretanto, ser recusada por outras razões. Por exemplo, sob um projeto político liberal ela certamente aumentará a desigualdade entre indivíduos ou classes. Eu recusaria a eugenia liberal levando em consideração princípios de justiça social.

Gostaria, então, de apontar, apesar de não poder desenvolver, um tema ao qual Habermas passou por alto. Apesar de citar o livro *From Chance to Choice, Genetics & Justice*, Habermas

discute pouco as questões de justiça. Se a idéia é criticar a eugenia liberal, defendida também por Dworkin (2000. p.426s.), nisso gostaria de fazer coro com Habermas. De fato, já é possível vislumbrar um cenário onde a engenharia genética divida a sociedade entre os “geneticamente enriquecidos” e os “naturais” e isso poderia aumentar a desigualdade social, um tema caro ao Brasil, ainda mais. O filme Gattaca representa bem esse futuro talvez não muito distante. Tenho defendido (2004, p.52s) a necessidade como critério da justiça material (e a equidade como princípio da justiça formal). Assim, ao Estado cabe garantir que a engenharia genética não se torne num novo fator de aumento da diferença entre os indivíduos o que será o caso se a política liberal for adotada.

Notes

¹ Watson (2005, p. 422) escreveu: “Constatar que determinado traço, mesmo um com tremendas implicações políticas, possui uma base primordialmente genética, não significa descobrir algo fixo e imutável. Significa apenas compreender a herança sobre a qual o ambiente nunca deixa de atuar, e as coisas que nós, como sociedade e individualmente, precisamos fazer se quisermos participar desse processo.”

² Para uma discussão desse conceito associado à genética do comportamento e a casos de gêmeos idênticos ver: Ridley, 2004, p.101s. Ver também o Capítulo Nove “Os sete significados de ‘gene’,” especialmente, o de um dispositivo para obter informações do ambiente. Se isso é verdadeiro, torna-se falsa a idéia de uma programação laboratorial, a partir da genética, de um plano de vida.

³ Ver: Ridley 2004, p. 291s.

⁴ A insistência de Habermas de que não haveria possibilidade de reversão – (que me foi feita também como objeção durante a discussão na mesa redonda pelos defensores de Habermas) não se aplica, pois se não há determinação ou programação, como estou argumentando, então a questão da reversibilidade é sem sentido.

Bibliografia

- BUCHANAN, A. et all. From Chance to Choice. Cambridge: University Press, 2000.
- CODIGNOLA, M.M. "From generation to production" *Ethic@*, v.3, n.2, dez. 2004. p. 99-106.
- DALL'AGNOL, D. Bioética: princípios morais e aplicações. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- DWORKIN, R. "Playing God: Genes, Clones, and Luck." In: *Sovereign Virtue*. London/Massachusetts: Harvard University Press, 2000.
- GALLETTI, M. "Le trasformazioni della natura umana: Jürgen Habermas su eugenetica positiva e clonazione." *Kykeion*. N. 11, out. 2004. p. 89-100.
- HABERMAS, J. O Futuro da Natureza Humana. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MAIENSCHIN, J. & RUSE, M. *Biology and the Foundation of Ethics*. Cambridge: University Press, 1999.
- MAYR, E. *Towards a new philosophy of biology*. Cambridge: Belknap Press.
- RIDLEY, M. O que nos faz humanos. Genes, natureza e experiência. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- WATSON, J. D. DNA: O segredo da vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.